



# Os vikings

## E A RELIGIÃO, A TRILOGIA DE HRAFN GUNNLAUGSSON

Por Leonardo Otto

### UMA BREVE INTRODUÇÃO AOS VIKINGS

Ao se propor a assistir a filmes cuja temática é *viking*, creio, e imagino que os outros também, que boa parte da figura imaginativa de um viking é, de certa forma, a mais romantizada (por falta de uma outra palavra) possível. Imagina-se um homem loiro, de cabelos compridos, um capacete com chifres, um corpo musculoso com boa parte à mostra (apesar do frio que faz) e com uma grande arma a sua disposição para aniquilar seus inimigos, além de sua selvageria. A palavra *viking* era um termo usado pelos países por eles invadidos, e ela tinha várias significados:

piratas, comerciantes, mercenários, aventureiros, guerreiros, entre outras. Entre eles, não havia essa denominação. Eram originários da Noruega, Suécia e Dinamarca, até começarem a sua expansão num momento que ficou registrado na história como “Era Viking”<sup>1</sup>. Os vikings eram considerados pagãos, crendo em vários deuses, como Thor, Loki, Frigg e o deus pai de todos esses deuses, Odin. Com essas invasões e pilhagens, a cultura deles acabou absorvendo a cultura dos locais que invadiram e dominaram. A principal parte disso, e que de certa maneira foi a causa principal do declínio, é o cristianismo. Com o passar do tempo,

a “nova” religião foi tendo um espaço cada vez maior naquela cultura, e com isso, enfraquecendo os valores de seus guerreiros, que lutavam em nome dos seus deuses sem temer a morte, pois o Valhalla<sup>2</sup> estaria de portas abertas para eles, e por fim, quem ocupava ainda as terras invadidas, como Inglaterra e França, por consequência se tornavam ingleses, franceses, e assim respectivamente, decretando a extinção dos vikings.

Esse breve apanhado histórico é só para propiciar uma contextualização acerca daquela civilização e serve também como uma introdução para o filme que aqui será analisado e que compõe a denominada “**Trilogia do Corvo**”, que tem a direção do islandês Hrafn Gunnlaugsson, que nesses filmes “marginaliza” essa figura mitológica e romantizada que são os vikings, trazendo para eles uma outra imagem, muito diferente da que é retratada. A trilogia é composta por *A Vingança dos Bárbaros* (ou Quando voa o Corvo) de 1984, *A Sombra do Corvo*, de 1988 e *O Viking Branco*, de 1991. Vale ressaltar que mesmo se tratando de uma trilogia, ela não tem uma sequência, com cada um começando uma história e terminando nela, sem ganchos para partir delas, mas que se ligam de alguma maneira por pequenas questões e por em todos os filmes aparecerem corvos, animal muito atrelado a Odin na mitologia nórdica.

## A TRILOGIA DO CORVO E A QUESTÃO RELIGIOSA

Uma das coisas mais notáveis que o tema “Cinema Nórdico”, que será abordado nessa revista, mostrou através de seus filmes, é uma ligação muito estreita com a religiosidade, e usando de diferentes vertentes religiosas para mostrar isso. Indo em direção a isso, mas ao mesmo tempo, indo na contramão, por mostrar um outro lado do que fora visto até então, nos filmes que serviram para estudos durante o semestre da revista. O diretor Hrafn Gunnlaugsson mostra como a opressão de uma religião, sendo manifestada através de seus fanáticos, foi responsável pelo declínio de uma antiga sociedade, e esse declínio vai se tornando mais evidente em cada filme, sempre aumentando a dimensão que é mostrada em cada história.

No primeiro filme, *A Vingança dos Bárbaros*, a manifestação da igreja católica é dada através de um jovem sem nome, apelidado de Gest por um dos homens que ele queria matar. Essa vingança se dá pois no passado, durante um momento de descontração com a sua família, eles foram atacados por vikings que mataram seus pais e sequestraram sua irmã. O seu destino também seria a morte, mas foi poupado por um outro viking. Já em *O Viking Branco*, que é o terceiro filme da trilogia, mas que por ordem cronológica, ele faz mais sentido como sendo o segundo filme, é mostrada

a história do Rei Olav Tryggvasson, que originalmente era um viking, mas que, durante o seu período invadindo outras terras, acabou se convertendo para o catolicismo. A sua promessa para Deus era a de converter todos os países nórdicos, como havia ocorrido com ele. Ao conquistar a Noruega, ele se impõe a Askur - um jovem que estava se casando com Embla no momento em que foram atacados -, por serem o último reduto de pagãos no país. Usando sua mulher como objeto de chantagem, o Rei convence o jovem a partir em sua “cruzada”. E por fim, nessa premissa, o segundo filme, *A Sombra do Corvo*, já parece se passar em uma outra situação, não há resquícios de um outra religião que não seja a cristã, tanto é que o grande embate se dá, mesmo que não inteiramente, por uma questão de poderes, e o mais poderoso é aquele que tem uma igreja maior, no caso, o Bispo, pai de Hjorleifur, e antagonista do casal Trausti e Isold.

E esse embate que se dá em todos esses filmes sempre se dá muito mais no campo da ação do que no campo do discurso. Nos filmes, o “discurso” é feito na base da violência, que é crescente de filme para filme. No primeiro, Gest, um jovem cristão, trajado como tal, chega até a Islândia buscando por vingança dos assassinos de seus pais. As suas palavras em todo o decorrer do filme são diferentes de suas intenções, e através disso, ele vai

construindo seu plano até a chegada do embate final com Thord (fig. 1), concluído assim o seu ciclo de vingança. O fato que muito chama a atenção é a clara inspiração no filme *Por um Punhado de Dólares* (1966), dirigido por Sergio Leone, tudo aqui é muito semelhante, desde o plano de Gest de fazer seus dois inimigos se enfrentarem para assim ter seu trabalho mais “facilitado”, e também pela sequência do duelo final, desde a preparação dos “heróis” até o derradeiro combate.



FIG. 1

Partindo do ponto de inspirações, em seu segundo filme, Hrafn vai buscar essa inspiração em um mito celta, mais precisamente na lenda de Tristão e Isolda, que no filme ganham uma pequena variação em seus nomes, se tornando Trausti e Isold. Ambos começam o filme se odiando, por conta de uma briga por uma carcaça de baleia encontrada encalhada na praia por um homem da vila de Trausti, mas que também é cobiçada por homens da vila do pai de Isold, o que leva a um conflito. Os dois começam se odiando. Por conta dessa batalha, eis que surge a maior referência ao mito celta, que é o fato de

Trausti beber uma poção de Isold, que, segundo ela, foi entregue por sua mãe para ser entregue ao homem com quem ela quisesse passar o resto de sua vida. Fora isso, o filme não segue muito fiel ao conto, como dito acima, o nível da violência se eleva a cada filme, e aqui se dá na briga de Isold, que em meio a isso, acaba sendo morta acidentalmente por Hjorleifur, e que acaba resultando em um duelo final entre ele e Trausti. Após esse duelo, Trausti retorna para a sua vila, levando a filha de Isold, que ela já tinha antes de conhecê-lo, e a leva até a igreja para mostrar uma pintura que seria em homenagem a sua mãe, mas o artista acaba retratando Isold no lugar de Maria (fig. 2), contemplando por sua luz, que também foi o que levou a esse conflito.

E por fim, enquanto a questão da violência é o que está sendo tratado, no terceiro filme, o tom não é

FIG. 2



diferente. Há um aumento nas lutas, e aqui, ela é claramente uma luta em que busca se impor uma crença sobre a outra, tudo na base da espada: ou obedece, ou morre. E isso é se dá na figura do Rei Olav Tryggvasson, um “ex-viking”, que agora se tornou um fanático cristão, que adora a uma figura, como pode-se dizer, “bizarra”, de um cristo crucificado (fig. 3), e que, segundo Olav, essa figura conversa com ele, e é essa figura a responsável por sua ações. A violência aqui se dá nessa primeira parte do filme, com o ataque do Rei ao último recinto pagão na Noruega, entre Askur e Embla. Ela é feita de refém por ele, que a usa para fazer com que Askur seja seu representante no processo de conversão da Islândia, já que ele é filho de uma figura importante de lá, e esse é o plano do cristo branco. Se tudo antes antes foi resolvido na base da violência, nesse momento, o diálogo é o que se mostra como a maior força.

Por mais que tenham acontecido pequenas batalhas durante a “cruzada” de Askur, tudo se resolve quando, no final, seu pai e os outros líderes da região resolvem aceitar a religião cristã como a oficial de lá, apesar de que, muito dessa decisão foi devida a ameaças do Rei, que ameaçava matar os filhos deles.



**FIG. 3**

O maior mérito de Hrafn Gunnlaugsson na direção da trilogia é justamente o de saber fazer dela uma sequência, mesmo que ainda por uma aparente “falta” de ordem cronológica, já que esses filmes não tem ligações diretas entre si, a não ser o plot que envolve todas as histórias. As únicas coisas que as unem, são pequenas referências, como um livro, citações de personagens, e até mesmo a própria geografia utilizada nos filmes. A questão desses filmes, além de uma crítica a essa imposição religiosa e a maneira como ela foi imposta, não é uma posição “contra cristianismo”, mas sim um retrato de uma época que marcou o fim da maior sociedade daquela região, que eram os vikings. E toda essa questão de religiosidade, principalmente a má interpretação das

palavras e o poder que essa má interpretação pode causar, é o grande agitador dessas três histórias, desse poder que a religião causa, muito levada pelas palavras, e pelos seus usos, Tudo isso se entende, de uma maneira bem sintomática, em uma conversa já ao fim do terceiro filme, em que o pai de Askur diz: “Eu fiz as pazes com Deus e as pessoas, não importa se Deus é um ou vários. Devemos lembrar que os humanos criam deuses. Mas os deuses não criaram os seres humanos. Portanto, é importante criar um Deus justo que não castiga muito, mesmo se os seres humanos erram muito. Você perguntou se havia algo que você poderia fazer em troca. Tire esse livro de mim. Me deu muitas noites sem sono. Muitas armas feriram a humanidade mas a mais nítida de todas elas, é o livro”. Quem dera as pessoas tivessem esse entendimento. Não só naquela época, hoje ainda esse discurso se faz forte, já que a violência ainda existe, ela só mudou a sua forma.

---

<sup>1</sup>Período em que os vikings começaram a desbravar regiões costeiras de outras nações como Inglaterra e França num primeiro momento, e depois Espanha, Constantinopla no extremo oriente, e Islândia como extremo ocidente.

<sup>2</sup>Local para onde iriam os mortos em combate, onde beberão, comerão e lutarão por toda eternidade.